

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2021.r2a25>

Recebido em: 21/07/2021

Aceito em: 01/09/2021

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

THE LITERACY PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM IN REGULAR EDUCATION: AN EXPLORATORY STUDY

Leila Cristiane Praxedes

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3413-9433>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1654288569258694>

Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica
Prefeitura Municipal de Caraúbas Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: leyllakristianny@hotmail.com

Antonia Dalva França Carvalho

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9827-061X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2678561806213333>

Doutora em Educação

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: adalvac@uol.com.br

RESUMO

A educação escolar tem importância inquestionável na vida das pessoas que se torna um direito de todos e dever da família e do Estado, sendo a aprendizagem da escrita e da leitura um passo primordial para seu êxito. Considerando que a educação necessita ser inclusiva e que todas as crianças devem ser alfabetizadas, este artigo discorre sobre o processo de alfabetização de criança com Transtorno de Espectro Autista (TEA), abordando sobre uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada com uma professora de uma instituição de ensino privada do fundamental I, cuja prática alfabetizadora foi desenvolvida com um aluno autista. O objetivo foi compreender como ocorre o processo de alfabetização desses alunos e a forma que eles reagem a práticas de alfabetização no ensino regular. Os resultados mostram que os métodos de inclusão e práticas colaborativas no processo de alfabetização são indispensáveis para potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno autista. Também sinalizam a necessidade de a escola realizar um trabalho colaborativo, capaz de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, bem como a relevância da sensibilidade e compromisso do professor para organizar seu planejamento com o propósito de focar as reais necessidades dos educandos para que, dessa forma, se construa uma escola inclusiva.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Autismo. Inclusão.

ABSTRACT

School education has unquestionable importance in people's lives, which becomes a right for all and a duty of the family and the State, with learning to write and read a fundamental step towards its success. Considering that education needs to be inclusive and that all children must be literate, this article discusses the literacy process of a child with Autistic Spectrum Disorder (ASD), addressing a qualitative, exploratory research, carried out with a teacher of a private elementary school, whose literacy training was developed with an autistic student. The objective was to understand how the literacy process of these students takes place and the way they react to literacy practices in regular education. The results show that inclusion methods and collaborative practices in the literacy process are essential to enhance the learning and development of autistic students. They also signal the need for the school to carry out collaborative work, able to favor the development of student learning, as well as the relevance of the sensitivity and commitment of the teacher to organize their planning in order to focus on the real needs of students so that, this way, to build an inclusive school.

Keywords: Literacy. Learning. Autism. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de uma situação vivida em uma escola da rede privada no município de Caraúbas/RN, em que estivemos em uma sala de aula com uma criança com autismo, numa turma de alfabetização. A partir dessa vivência, surgiram algumas reflexões sobre essa realidade, dentre elas, destacamos: seria possível alfabetizar aquela criança em uma sala de aula regular? Como ocorria a interação desse aluno com autismo com as demais crianças? Diante dessas indagações foi o que motivou o estudo sobre esse assunto em questão.

Além de ser um processo marcante e especial na vida da pessoa que está sendo alfabetizada, a alfabetização tem uma importância significativa para professores, escolas e equipe pedagógica, pois o sucesso desse processo atesta a eficiência dos métodos de ensino da própria instituição, assim como da prática do educador, devido a educação refletir em todos os âmbitos sociais.

O processo de alfabetização é instrumento primordial em busca da aprendizagem na Educação. Trata-se de um processo que envolve inúmeras características, em que cada criança aprende de uma forma singularizada, tendo seus limites e seus habilidades respeitados, aplicando-se também às pessoas com necessidades especiais como, por exemplo, crianças com TEA. E além de ser dinâmico, ativo e contínuo tem suas atribuições linguísticas, tornando-se também instrumento de socialização, de relação e contato com o mundo e com os outros. Daí sua relevância.

Por esta razão, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) determina que toda criança tenha direito ao ensino fundamental; é obrigatório, e que atenda desta forma educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino. Por isso, além de ser acessível a todos, deve ser um campo prioritário no tocante a estudos, pesquisas e instrumentalizações que possam facilitar e potencializar a ação alfabetizadora.

Diante estas considerações, o presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de alfabetização no ensino regular de crianças com espectro autista, sobretudo, na educação infantil, buscando identificar as práticas pedagógicas inclusivas e possíveis adaptações que podem ser feitas pela instituição de ensino e pelo profissional de educação frente a essa demanda.

A pesquisa teve de abordagem qualitativa tipo exploratória que se aproxima de um estudo de caso, uma vez que procura entender o significado das ações dos participantes integrantes de uma dada realidade sem a preocupação métrica, investiga, ou seja, de mensurar atitudes e ações (OLIVEIRA, 2018). É do tipo estudo de caso por se tratar um método de pesquisa empírica que direciona a análise de uma situação específica e expressar as práticas de um conjunto de pessoas, instituição (MEKSENAS, 2011).

O lócus de pesquisa foi uma instituição de ensino privada do fundamental I e os participantes foram uma professora que realizava sua prática pedagógica em uma sala de aula com um aluno com autismo. A ideia foi compreender como se dá o processo de alfabetização de aluno com TEA e a forma que eles reagem a práticas de alfabetização no ensino regular.

Portanto, torna-se importante conceituar a alfabetização considerando as discussões, adiante e sua característica de ser a base para a formação e desenvolvimento do indivíduo nos primeiros anos escolares.

2 ALFABETIZAÇÃO E AUTISMO: OLHARES ENTRELAÇADOS

Definir o termo “alfabetização” parece ser algo desnecessário, visto que se trata de um conceito conhecido e familiar. Qualquer pessoa responderia que alfabetizar corresponde à ação de ensinar a ler e a escrever. No entanto, o que significa ler e escrever? Ao longo da nossa história, essas ações foram tornando-se mais complexas, e suas definições se ampliaram, passando a envolver, a partir da década de 1990 principalmente, um novo termo: o letramento

(SANTOS, 2007, p. 11). Atrelado a este conceito, o professor alfabetizador deve ter domínio de muitos conhecimentos, terem habilidades e táticas em ensinar e lidar com os alunos. Deve demonstrar capacidade, decisão e criatividade, pois as crianças não aprendem sozinhas, elas aprendem quando alguém as coloca em situação de pensar. O professor deve estar sempre atualizado, ser um profissional reflexivo, não esquecendo que este é um tema de ofício contínuo e que deve ser revisto diariamente, uma vez que se encaixa a situações diversas que podem ser vividas pela turma.

[...] concebemos a alfabetização como um processo de aprendizagem de habilidades necessárias para os atos de ler e escrever, e o letramento como o estado ou a condição do sujeito que incorpora práticas sociais de leitura e escrita. Nessa ótica, os termos alfabetização e letramento não são sinônimos (LUCAS, 2011, p. 110).

É fato que alfabetização e letramento não são sinônimos. Este primeiro termo abrange um todo, já o letramento expressa etapas de aquisição de conhecimentos. Sabe-se que, na vida cotidiana do educando, essas práticas devem ser trabalhadas, de modo o conhecimento seja proliferado de forma satisfatória. O letramento condiciona a entender e pôr em prática as habilidades diante das mais variadas situações do dia a dia. A alfabetização, também, remete a um processo inicial onde crianças são submetidas nos primeiros anos escolares. Aprender a utilizar o alfabeto e compreender seu significado e interpretação, é uma das primeiras lições a ser desenvolvida.

Alfabetizar é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético (SANTOS, 2007, p. 98).

Neste aspecto, alfabetização deve seguir lado a lado com o processo de aprendizagem da escrita. Apesar de serem dois processos de significados diferentes precisa iniciar por meio do início da aprendizagem com a escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes de caráter prático em relação ao aprendizado. Tratam de processos que devem ser vivenciados simultaneamente para alcance do sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita e da falada.

Soares (2008) afirma que alfabetização é uma forma de acesso ao mundo da leitura, de fornecer qualidades para que o indivíduo, seja ele criança, jovem ou adulto, tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz de ler e escrever e, ainda, fazer uso real e adequado das funções aprendizado.

Isso significa que o termo alfabetizar não se restringe à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo, pois, é iniciado no momento da própria expressão da criança, quando estas falam sobre sua realidade e identificam os objetos que estão ao seu redor. Afinal o ato de ensinar é considerado como um processo de compreensão de significados por meio do código escrito e é também um conjunto de habilidades diversas que podem ser adquiridas no ambiente familiar e social, além do espaço escolar.

Lazzarotto (2010) conceitua alfabetização como uma ação que capacita e permite que o sujeito interaja com a leitura e a escrita, desvendando um mundo que, por muitas vezes apresenta-se decodificado socialmente. Afirma, ainda, que o referido conceito vem mudando ao longo da história, ganhando uma abordagem mais ampla. Dado o conceito de alfabetização e entendido a sua importância na vida do sujeito, a constituição Federal de 1988, no capítulo III, nos diz que:

Art. 205: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse pensar, a escola deve desenvolver um meio de inclusão visando as mais variadas demandas existentes na instituição de ensino, buscando auxiliá-los de acordo com suas capacidades. O foco deste artigo é a criança com autismo que Segundo Barlow; Durand (2016) tem uma demanda de comprometimento social, cognitivo, e comportamental que os caracterizam e que deve ser levado em conta durante o processo de alfabetização.

Durante este processo de ensino-aprendizagem cada criança vai responder de forma única e singularizada, de acordo com suas características e suas capacidades, o que também acontece com a criança que tem autismo, e que diante de suas características vai exigir práticas pedagógicas específicas, em acordo com a demanda de suas necessidades especiais características do TEA. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014) o autismo se caracteriza como:

Prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critério C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente. Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos. Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro.

Sendo assim, o aluno com autismo apresenta características específicas como predisposição a isolar-se, dificuldade, portanto em relaciona-se, falta de reciprocidade social ou emocional, atrasos ou prejuízos na linguagem e comprometimento na área comportamental, exigindo no processo de alfabetização que os professores auxiliados pela instituição recebam formação adequada e que exista uma relação família-escola.

Essas três características do autismo – interação social, comportamento e comunicação, podem acarretar um atraso ou prejuízo no processo de aprendizagem do indivíduo, porém de acordo com Campellini et al (2016), “sua escolarização é possível, quando lhe são oferecidas as oportunidades de acordo com suas necessidades e potencialidades, a partir de uma perspectiva da educação inclusiva”.

Neste contexto, a instituição de ensino, como o profissional da educação devem estar preparados para acolher o aluno com autismo. As salas de aula do ensino regular devem comportar poucos alunos para que assim o professor possa auxiliar a todos. Porém, nem todos com diagnóstico TEA de acordo com o que consta na cartilha dos Direitos das pessoas com Autismo (2011, p. 12) podem frequentar as salas comuns:

O atendimento educacional especializado às pessoas com autismo deve ser, de preferência, na rede regular de ensino. Porém, não são todas as crianças e adolescentes com autismo que se beneficiam do ensino em salas comuns de escolas regulares, cada caso deve ser analisado individualmente pela equipe pedagógica e de saúde que acompanha a criança ou o adolescente. Alguns se adaptam bem à inclusão em escolas regulares, porém em salas menores, com suporte, ou até em salas especiais. Algumas crianças e adolescentes com autismo, geralmente, com outras deficiências associadas, se adaptam melhor a escolas especiais. Depende das características individuais de cada um, do momento de vida e de desenvolvimento no qual que está.

Seguindo ainda o pensamento de Capellini et al. (2016) é de suma importância para vida da criança autista o processo de alfabetização e letramento, pois este facilita as relações interpessoais que é uma das características do autismo. Também segundo o mesmo autor é importante que se estimule durante este processo as habilidades de comunicação que facilitará a interação e a compreensão de sua realidade, facilitando assim sua forma de lidar com as limitações impostas pelo TEA.

Dessa forma, se faz necessário que nos primeiros anos do ensino fundamental o aluno com espectro autista tenha um acompanhamento de ensino direcionado, que o auxilie no processo de interiorização da linguagem social, e que o ajude a externalizar seu pensamento, de modo que possa ao seu tempo usar suas potencialidades de modo autônomo. É importante também nesse processo que o professor tenha uma formação continuada, que o ajude a entender as necessidades desse aluno e dê suporte necessário para seu aprendizado. Segundo Crockík (2012, p. 42 apud SILVA, 2018, p. 133):

Deve-se receber esses alunos não só com a proposta pedagógica de integrá-los ao meio social de uma sala de aula, ou então, fazer adaptações na estrutura escolar para atender determinado grupo de crianças. De certa forma é algo simples e fácil de programar. Mas proporcionar a eles inclusão de qualidade de ensino igualitário, sem preconceitos ou ideologias, dando-lhes condições de pleno acesso e participação nos conteúdos acadêmicos, assim, desenvolver com o alunado competências, atitudes e conhecimentos necessários para uma convivência em sociedade exige compromisso, formação específica e políticas de atendimento adequado a esses alunos. A educação inclusiva, assim, não deve desconhecer as diferenças, mas proporcionar recursos para o cumprimento dos objetivos escolares.

A partir das reflexões apontadas acima enfatizamos a necessidade de inclusão desses alunos no ensino regular, onde tal ação não se resume só a matrícula do educando com deficiência, mas da garantia de acesso e permanência desse aluno, para a construção de uma educação dialógica e construtiva, contribuindo para uma formação integral do educando. Desta forma, vamos compreendendo que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2013, p. 47).

3 TRILHAR METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa parte da necessidade de compreender como acontece o processo de alfabetização das crianças com autismo no ensino regular. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e, nesta perspectiva, Diehl (2004) afirma que a pesquisa qualitativa expõe a qualidade de um fato ou uma questão vivenciada, sendo capaz também de colaborar no seu processo de mudança, tornando possível um consenso entre as diferentes qualidades de pessoas. Também é uma pesquisa exploratória, porque segundo Gil (2002, p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

E, nesta direção aproxima-se do estudo de caso, por tratar de uma metodologia de pesquisa que procura interpretar os significados das práticas não conhecidas completamente, possibilitando, também, a criação de hipóteses que colaborem na expansão da compreensão de um determinado assunto, mostrando pistas e situações concretas. Desse modo, cabe ao pesquisador o seu desembaraço para analisar e realizar a sua investigação.

Nosso design focaliza, portanto, a perspectiva de conhecer o processo de alfabetização dos alunos autistas nas redes de ensino regular. Para elaboração desta tarefa, foi feita uma reflexão sobre teoria dos autores que fazem referência ao tema abordado, também utilizamos uma entrevista reflexiva com professora atuando em uma sala de aula em uma escola privada que foi de grande importância para pesquisa.

Primeiramente, houve a realização de um estudo teórico sobre os conceitos referentes ao tema abordado, para que desta maneira obtivéssemos todo o conhecimento necessário sobre os assuntos que os autores falam e pensam sobre o tema exposto, além de promovemos um melhor entendimento pessoal sobre o assunto em pauta. Logo após, fomos ao campo da pesquisa que foi o computador uma chamada de vídeo via *Google Meet* com a professora participante e o sujeito da pesquisa. E foi lá onde executamos a entrevista reflexiva.

A entrevista usada na pesquisa foi a reflexiva que constituiu o procedimento metodológico para obtenção das informações, que é uma metodologia muito usada por Szymanski (2011). Como destaca a autora, este formato de pesquisa é marcado pelo diálogo

compreensivo no qual o entrevistador acolhe com respeito a fala do sujeito participante, postura que tende a minimizar a hierarquia e as relações de poder que, porventura, possam vir a existir, durante a situação de entrevista entre pesquisador e sujeito participante.

Segundo Szymanski (2011, p. 11), “a entrevista reflexiva constitui uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, e assim como em todos os tipos de relações humanas, não acontecem distanciamento das emoções”. Assim, para assumirmos o caráter interventivo das entrevistas reflexivas, recorremos a algumas estratégias sugeridas pela autora.

Conforme a autora nesta situação, o investigador deve fazer uma reflexão da fala do sujeito pesquisado e expressar sua compreensão, dando voz às ideias que compreendeu através de suas palavras ditas dos pontos principais do discurso do sujeito colaborador da pesquisa. Dessa forma, ao analisar a autenticidade e compreensão do investigador, espera-se que o sujeito entrevistado vivencie um movimento de consciência de importantes aspectos de sua experiência e, assim, contribua no processo de reestruturação de ideias, a partir da situação de entrevista.

A participante é uma professora com pós-graduação em Psicopedagogia, Literatura e Ensino, educação interdisciplinar tem 16 anos de docência. Tem experiências de trabalhar com alunos com deficiência. As tarefas que executamos foram: um estudo bibliográfico dos teóricos que fazem referência ao tema; em seguida, foi feita uma entrevista com o sujeito da pesquisa para conhecer a visão dele sobre o assunto. E, por fim, desenvolvemos uma reflexão sobre como os professores trabalham com os alunos com necessidades especiais nas séries iniciais das escolas como requer o estudo de caso, na acepção de André (2008), sempre vinculando ao contexto e a interpretação realizada pelos participantes da pesquisa.

Inicialmente, indagamos a professora sobre: Quais as maiores dificuldades que enfrentou no processo de alfabetização de um aluno com autismo? E a mesma, destacou que:

A maior dificuldade sempre vai ser a falta de entendimento por parte das pessoas com relação ao autismo, a não preparação das escolas e os profissionais da mesma.

Percebemos com base na fala da professora, que dentre as dificuldades vivenciadas no trabalho com um aluno autista, a falta de preparação da escola, muitas vezes as barreiras arquitetônicas e atitudinais são as mais visíveis.

Prosseguindo nossos questionamentos, indagamos a participante, sobre: Um aluno com autismo tem as mesmas condições de aprendizagem do que um aluno sem autismo? Justifique-se. Como resposta, a participante pontuou:

Um aluno com autismo tem sim as condições de aprendizagem do que os outros, mas é importante uma avaliação sobre esse aluno, uma conversa com os pais e o professor para que seja sempre feito o melhor para que ele avançar. no caso do meu filho, ele realiza todas as atividades normais na sala de aula e sua aprendizagem é sempre positiva.

Diante da fala da professora pode perceber o quanto é importante o apoio e o acompanhamentos dos pais e também dos professores para o desenvolvimento e avanço dessas crianças possa acontecer de forma positiva na aprendizagem delas.

Continuando a entrevista, perguntamos a professora sobre: Em sua opinião, como se operacionaliza o processo de alfabetização dos alunos com TEA? A participante, apresentou como resposta: Muita pesquisa sobre o autismo e sobre seu aluno autista.

Nessa fala fica muito clara o quanto é importante sempre estarmos estudando e buscando cada vez mais aprender, pois é através de pesquisas e estudos que sempre estamos aprendendo novas formas, novos conhecimentos para assim podemos ajudar a melhorar mais e mais a aprendizagem desses alunos.

Dando continuidade, questionamos a docente sobre: Para você, o que o professor deve priorizar em seu trabalho pedagógico para organizar sua prática com foco na alfabetização? Sobre esse questionamento, a mesma evidenciou que:

O trabalho deve ser pautado no interesse do aluno, apresentar sempre tema do interesse dele, ter uma rotina diária de leitura, procurando sempre temas que eles possam se identificar.

Percebemos nesta fala o qual importante é trazer temas e atividade que seja do total interesse da criança pois formas eles vão tem o total atenção e entusiasmos na realização dessas tarefas que vai ter uma aprendizagem muito satisfatório e bem aproveitado quando a criança tem interesse no tem estudado.

Prosseguindo a entrevista, questionamos a participante sobre; você considera a avaliação psicopedagógica como um instrumento importante para a alfabetização? Por que? Como resposta, a mesma pontuou:

Avaliação psicopedagógica é importante para reforçar positivamente onde a criança precisa avançar e com paciência e respeito as dificuldades sejam vencidas.

Dessa forma podemos ver, que o papel do psicopedagogo é importante sim para ajudar no desenvolvimento dessa criança pois é um processo que tem que ser respeitado os limites dessas crianças e o tempo, que cada uma delas levar para vencer suas dificuldades e com a ajuda desse profissional esse processo torna-se mais leve para vencer.

Visando refletirmos sobre o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva inclusiva, indagamos a professora participante da pesquisa sobre: O que os professores podem fazer para melhorar essa forma de aprendizado? E esta, ressaltou que:

Forma de aprendizado dessas crianças é e sempre será o amor e a dedicação os professores são essenciais e a melhor forma para melhorar a em tudo que fazem. conhecer seu aluno, ler sobre autismo e fazer de um tudo para que ele fique bem.

Percebemos com base na fala da professora entrevistada que o processo de alfabetização dos alunos autistas é um processo que é um conjunto que os pais tem que estar presente precisam tem ativos e participativos nesse processo juntamente com o professor, que esse mesmo tem que sempre estar estudando, pesquisando e buscando uma forma de inovar e trazer isso para seu aluno para que ele tem interesse e goste das atividades e temas abordados na sala de aula. Algo que ficou bastante claro na entrevista é que esse processo é algo que tem que ser feito com muita paciência, sempre respeitando os limites e o tempo de cada um, também precisa tem muita dedicação e amor para se trabalhar com esses alunos é processo muito prazeroso e rico de aprendizagem.

Diante disto, destaca-se que, esse movimento de consciência não acontece, necessariamente, somente quando é proposto ao sujeito o desenvolvimento de uma prática específica em sala de aula. Isto porque as perguntas de uma situação de entrevista são feitas com o objetivo de provocar a reflexão do sujeito participante. No processo de reflexão - que

constitui um princípio pedagógico formativo -, ao ter diante de si a oportunidade de raciocinar e argumentar sobre questões novas, até então, nunca discutidas pelo sujeito colaborador, este desenvolve novas formas de pensar - ou seja, se ressignifica e vive o movimento de produção de novos sentidos para a pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem da criança pelo processo de alfabetização modifica o seu próprio desenvolvimento, e sua cognição, e a introduz na sociedade da qual ela é produto, e para a qual ela deve ser formada. Esse processo tem uma imensa importância, sobre a qual discorrido nesse projeto com o objetivo de elencar a importância que é o processo de alfabetização na vida de qualquer indivíduo, seja para o processo de letramento, ou seja, no processo de potencializar a interação social tão necessária ao desenvolvimento humano.

Uma lógica de pensamento de Maria Montessori, dizia que: A criança aprende aquilo que tem condições cognitivas de aprender, então fica claro a importância de compreender que cada indivíduo vai aprender e se desenvolver dentro de seus limites, suas características próprias e no seu tempo, de acordo com suas capacidades. Será necessário, portanto, no processo de alfabetização de qualquer criança, inclusive a com autismo: antes observar a criança em seu processo de desenvolvimento e em seus pensamentos e subjetividades, depois, aplicar o conteúdo programado.

A entrevista realizada mostrou realmente a realidade dos profissionais nesse processo de alfabetização as crianças autistas então, uma análise acerca de como ocorre esse processo com as crianças com autismo que frequentam uma escola regular de ensino. E a metodologia utilizada pela instituição para uma inclusão e melhor adaptação dos alunos, tendo em vista toda a importância da alfabetização na vida de qualquer sujeito, favorece uma compreensão acerca da escrita e letramento como também possibilita ao sujeito algo essencial para sua vida que é a interação social.

As crianças avaliadas são assistidas por todos os profissionais necessários, como psicólogos, fonoaudiólogos entre outros os que favorecem um bom desempenho e resultado na vida dessas crianças o que é relevante para sua inclusão nas atividades acadêmicas.

Portanto os alunos conseguem diante de suas demandas e singularidades acompanhar de forma positiva a turma recebendo suporte e adaptação por parte da instituição de ensino o que potencializa ainda mais seu processo de alfabetização no sentido de proporcionar-lhes condições de acesso à educação em níveis de ensino posteriores.

De modo geral os resultados evidenciam a necessidade de a escola realizar um trabalho colaborativo, de modo que favoreça o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e que o professor organize seu planejamento com o propósito de trabalhar as reais necessidades dos educandos, para que dessa forma, se construa uma escola inclusiva.

E, para finalizar lembramos que estes achados são específicos de uma realidade considerando um estudo bibliográfico e uma entrevista. E neste aspecto, precisa ser mais aprofundado e avaliado com um tempo maior de acompanhamento, uma maior observação das vivências da aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula que existem crianças autistas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

BARLOW, D. H; DURAND, V. M. **Psicopatologia uma abordagem integrada**. 7. ed. São Paulo: 2016.

BRASIL. **LEI nº 9394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996** (Lei de Diretrizes e Bases). Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.

CAPELLINI, V. L. M. F; SHIBUKAWA, P. H.S; RINALDO, S.C.O. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do Espectro Autista. **Presidente Prudente**, v. 13, n.2, p.87-94 abr/jun 2016.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Cartilha de direitos das pessoas com autismo**. São Paulo. 2011. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf>. Acesso em: 14 out. de 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

- LAZZAROTTO, E. F. S. **Alfabetização e Letramento**. Três Cachoeiras/RS: [s.n.], 2010.
- LUCAS, M. A. O. F. Reflexões sobre os conceitos de Alfabetização e Letramento apresentados por professores de Educação Infantil. **Teoria E Prática Da Educação**, 13(3), 109-119.
- MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Arned, 2014.
- MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, M. B. de. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. **Scientiæ studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n1/a04v06n01.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018
- SANTOS, C. F. **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, J. R.; OLIVEIRA, N. Criança autista no processo de alfabetização: Práticas pedagógicas inclusivas. **Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação**, v.03, n.01, p. 125-140, jan/jun. 2018.
- SOARES, M. A reinvenção da Alfabetização. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, nº 52, p. 15-21, jul/ago, 2003.
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In*: SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2011.